

Aleister Crowley, o poeta do Novo Aeon

Vitor Cei

Universidade Federal de Minas Gerais

A palavra ocultismo, do latim *occultare*, “esconder”, designa, desde o século XIX, correntes doutrinárias que admitiam como verdade fundamental a existência de realidades supra-sensíveis e supra-rationais, acreditando que tais realidades intervêm na vida humana. Os ocultistas crêem poder se comunicar com as entidades espirituais, usando as suas forças ou energias para obter efeitos benéficos (magia branca) ou maléficos (magia negra).

Na Inglaterra, entre o final do século XIX e o início do século XX, *revivals* religiosos disseminavam a cultura egípcia, com suas lendas de maldições de faraós e seitas cultuando os antigos deuses. Essa conjuntura se faz representar pelo holismo, doutrina que prioriza o entendimento integral do todo, buscando uma “união cósmica” entre humano, divino e natureza.

A palavra holismo, do grego *hólon*, “todo”, em inglês remete tanto a *whole* (inteiro, global) quanto a *holy* (sagrado). No contexto pós-moderno de profecias apocalípticas que anunciam a crise da razão e o fim do saber objetivo, o holismo é uma tentativa de reencontrar a totalidade do universo, unindo a consciência cósmica individual ao cosmos (JAPIASSÚ, 1996).

O holismo surge como uma proposta de reencantamento do mundo. Ele tenta

resgatar valores buscados quase que aleatoriamente entre a mística oriental e idealizações cósmico-panteístas, através das quais o homem poderia supostamente recuperar o sagrado que foi reprimido pela racionalidade moderna e, por conseguinte, algum sentido diante da crise de valores que marcou a virada do século XIX para o XX. Conforme Cesar Augusto de Carvalho:

A concepção mítica da Terra como a Grande Mãe, recuperada das tradições indígenas e orientais, fundamenta a visão holística de uma totalidade integrada por relações de interdependência. Visão que é, também, uma tentativa de resolver a dicotomia entre corpo e mente, espírito e matéria e, com isso, resolver a questão da dualidade, o fundamento da lógica racional (CARVALHO, 2008, p. 26-27).

É nesse contexto marcado por ocultismo e holismo que nasceu a insólita idéia de “Novo Aeon” apresentada pelo escritor e feiticeiro inglês Aleister Crowley (1875 -1947). Segundo o ocultista Lon Milo DuQuette, Crowley, em 1904, durante sua viagem de lua-de-mel ao Cairo, no Egito, teria psicografado sua principal obra, o *Livro da Lei* (*Liber AL*

vel Legis) da entidade espiritual autodenominada Aiwass, um mensageiro dos deuses do Novo Aeon. O insólito evento corresponderia ao início de uma nova era (DUQUETTE, 2007).

O que é isto – o Novo Aeon? A palavra latina *aeon* apresenta os sentidos de era, tempo, geração ou eternidade. Sua origem etimológica é o vocábulo grego *Aiôn*, nome próprio de uma entidade alegórica, filha de Cronos. *Aiôn*, um dos conceitos gregos de tempo, se reveste de diversos sentidos: tempo sem idade, eternidade, idade, geração e século (PEREIRA, 1998; PAIVA, 2000).

Enquanto experiência de tempo, a palavra pode se referir tanto ao período que a pessoa já viveu quanto ao período que ainda viverá. Pode significar, ainda, o passado obscuro e distante ou o futuro longínquo. Em outra perspectiva, apresenta os sentidos de vida, duração da vida, medula espinhal, substância vital, esperma, suor (PEREIRA, 1998; PAIVA, 2000).

Crowley afirma que cada grande período espiritual (Aeon) é caracterizado por uma fórmula mágica que consistiria no enunciado de como os fatos e as teorias cosmológicas são percebidos, podendo tomar a forma de axiomas ou conjuntos de símbolos que aumentariam a capacidade dos indivíduos de perceberem a si mesmos e ao universo.

O mago reconhecia nos deuses egípcios Ísis, Osíris e Hórus (respectivamente mãe, pai e filho) as fórmulas mágicas características dos três últimos Aeons. O primeiro, a fórmula da Grande Deusa, teria começado aproximadamente em 2.400 a.C., data que também marcaria o começo da era astrológica de Áries. O período seria marcado pelo matriarcalismo, em que a natureza era percebida como um processo contínuo de cresci-

mento espontâneo e as mulheres eram consideradas fontes da vida. Segundo Duquette:

Nos obscuros princípios do éon, os humanos eram ignorantes sobre os mistérios do sexo e do nascimento, da sua causa e efeito. A vida parecia vir apenas da mulher. O sangue escorria do seu corpo inexplicavelmente com o mesmo ciclo que a lua tinha. Quando o ciclo de sangramento era interrompido, a barriga dela inchava durante nove luas até que uma nova vida brotasse. Então, ela continuava nutrindo essa vida com seu leite, o sangue branco dos seios dela, e sem esse alimento, tirado diretamente de seu corpo, a nova vida morreria (DUQUETTE, 2007, p. 35).

O início do Aeon de Osíris marca o fim do matriarcalismo e o início do patriarcalismo. Quando se tornou conhecido que sem o sêmem do homem a mulher permaneceria estéril, aconteceu uma revolução na consciência de gênero e na organização social: a Grande Deusa assumiu o lugar de esposa do Deus Pai. Em aproximadamente 260 a.C., início da era astrológica de Peixes, a fórmula patriarcal osiriana havia se cristalizado como o mito central de incontáveis culturas e civilizações, continuando a dominar até hoje a vida espiritual e sociocultural da maior parte da humanidade.

A doutrina osiriana – de modo semelhante à moderna ideologia burguesa do progresso – apregoa que os males do presente (subdesenvolvimento, infortúnios, sacrifícios, privações e violências de todo tipo) serão re-

compensados por bens futuros (desenvolvimento, dinheiro, liberdade, prazer e poder).

Todavia, o que acontece no Aeon de Osíris é uma cumplicidade entre progresso e regresso, associados ao mesmo projeto: o do ímpeto desenfreado de extração e acumulação de riquezas, demolindo quase todas as barreiras naturais e morais. No Velho Aeon, privilegiados e excluídos são as duas faces da mesma moeda.

O Novo Aeon, por sua vez, seria o de Hórus, a fórmula mágica da criança coroada e conquistadora, que reconciliaria e transcenderia a fórmula das duas eras anteriores, tendo-se em vista que os Aeons são marcados por uma cosmovisão predominante, mas não constituem períodos estanques. Ou seja, o iniciar de uma era não significa o fim das anteriores, e sim sua perda de influência. Dessa forma ainda se encontram os antigos valores no decorrer do tempo. Nesse sentido, desde o início do século XX vem acontecendo um combate entre as forças dos Aeons de Osíris e de Hórus, o pai autoritário contra o filho rebelde.

O presságio do Novo Aeon era seria impulsionado pela fórmula mágica designada “Lei de Thelema”, expressão simbólica que se deve enunciar e seguir para se alcançar o Novo Aeon.

A palavra grega *thelema* pode ser traduzida por vontade. Etimologicamente, aproxima-se de *theós*, o divino, e de *thélgo*, encantar magicamente (PEREIRA, 1998). Os três sentidos da palavra, como veremos, misturam-se na Lei de Thelema, que tem como máxima “Faze o que tu queres deverá ser o todo da Lei!” (CROWLEY, 1999, p. 6).

Crowley, coerente com a fórmula do Novo Aeon, foi um poeta da liberdade irrestrita e da vontade como máxima soberana, além

de defensor do uso de sexo e drogas para fins mágicos. Foi partidário de um individualismo extremista, apregoando a autonomia individual na busca da liberdade e na satisfação das inclinações naturais, em detrimento da hegemonia da coletividade massificada e despersonalizada. Sua magia condena todas as formas de poder e autoridade que restrinjam a soberania e a liberdade absolutas do indivíduo.

O ocultista José Roberto Abrahão explica que Aleister Crowley, dentro do espírito da Lei de Thelema, definiu a magia como “a ciência e arte de provocar mudanças de acordo com a vontade” (ABRAHÃO, 2006, p. 13). Abrahão classifica a magia do escritor inglês como pragmática, em contraposição a uma magia dogmática. Esta última, assim como as religiões predominantes, faz uso de símbolos canônicos, alheios aos indivíduos. A pragmática, por sua vez, se caracteriza por fazer uso apenas de símbolos pessoais. Os autênticos thelemitas buscariam um caminho individual, anárquico, fazendo uso de simbologias singulares.

Para alcançarmos uma melhor compreensão da doutrina thelemita, precisamos fazer a leitura do *Liber Oz*, manifesto de Crowley que resume os preceitos da Lei de Thelema e serve como declaração de princípios para o Novo Aeon. Nas palavras do autor (CROWLEY, 2009):

“A Lei do Forte: Essa é a nossa lei e a alegria do mundo” (AL 2.21).

“Faze o que queres, há de ser tudo da Lei” (AL 1.40).

“Não tens direito fora fazer o que queres. Faz isto, e ninguém dirá não” (AL 1.42-3).

“Todo homem e toda mulher é uma estrela” (AL 1.3).

NÃO HÁ DEUS ALÉM DO HOMEM

1- O homem tem o direito de viver pela sua própria lei

de viver da maneira que ele quiser;

de trabalhar como ele quiser;

de brincar como ele quiser;

de descansar como ele quiser;

de morrer quando e como ele quiser.

2- O homem tem o direito de comer o que ele quiser

de beber o que ele quiser;

de se abrigar onde quiser;

de se mover como queira na face da Terra.

3- O homem tem o direito de pensar o que ele quiser

de falar o que ele quiser;

de escrever o que ele quiser;

de desenhar, pintar, esculpir, gravar, moldar, construir como ele quiser;

de vestir-se como quiser.

4- O homem tem o direito de amar como ele quiser

“Pegai vosso quinhão e vontade de amor como vós quiserdes, quando, onde e com quem quiserdes” (AL 1.51).

5- O homem tem o direito de matar aqueles que possam frustrar esses direitos

“Os escravos servirão” (AL 2.58).

“Amor é a lei, amor sob vontade” (AL 1.57).

O *Liber Oz* é a declaração thelêmica dos direitos da humanidade. Crowley anuncia uma era de liberdade irrestrita para o ser humano. Homens e mulheres, alcançando a sua harmonia com o próprio Universo, estariam capacitados a assumir seu *status* divino e realizar as suas verdadeiras vontades. Em vez

de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o ser humano tem de dar sentido à própria vida. A vontade de toda pessoa já estaria em perfeita harmonia com a vontade divina, constituindo uma única e mesma vontade. Assim, a única fonte de orientação espiritual confiável em todo o universo seríamos nós mesmos. O indivíduo, não Deus, passa a ser o centro do Universo, declara o mago: “Eu estou só: não existe Deus onde eu sou” (CROWLEY, 1999, p. 15).

Em contrapartida, os “escravos”, seguindo a máxima “Seja feita vossa vontade”, seriam aqueles que pregam a rendição da vontade individual à vontade de uma entidade superior (seja Deus ou o Estado). Os escravos, isto é, os resignados, impotentes, esperam que um poder exterior justifique o mundo, obedecendo às vontades alheias em detrimento de suas vontades individuais. Nesse sentido, permanecem sem questionar os valores e costumes tradicionais, submetendo-se servilmente às autoridades e instituições estabelecidas.

Seguir a Lei de Thelema exigiria força de vontade. Os homens fortes e plenos, em oposição aos escravos e servos do Velho Aeon, deveriam agir de acordo com seus propósitos, sem obedecer irrefletidamente a qualquer poder externo ou vontade alheia. Os homens fortes, diante do estado de torpor niilista em que vive a humanidade, criariam novos valores e objetivos para a vida. Se antes o sentido da vida era o de obedecer a leis e regras morais; se o sentimento de estar ao lado da verdade ou de estar salvo junto a Deus ou ao Estado era a recompensa que trazia o bem-estar, no Novo Aeon a vontade individual é a lei e alegria do mundo.

É preciso, então, conferir um sentido à existência. Um significado que a engrandeça e a fortaleça, tornando a vida digna de ser vivida. Para Crowley esse sentido é o caminho individual expresso na Lei de Thelema. A partir dela o homem pode se direcionar para o desenvolvimento de si mesmo e da sua própria grandeza. Esta é a proposta do autor: viver, a partir de suas próprias paixões e desejos, aquilo que lhe dá o maior sentimento de força e realização e, a partir daí, desenvolver-se ao máximo nesse caminho.

A Lei de Thelema emerge da crença na inutilidade das lutas no campo político-institucional, pois redundariam sempre em alguma forma de opressão ao indivíduo. A transformação social viável para resolver os problemas do homem dentro da sociedade só poderia ser alcançada na medida em que cada um pense por si próprio, suprimindo todas as formas de autoridade estabelecidas, tendo em vista a realização dos desejos individuais. Nesse sentido, uma possível revolução thelêmica seria fruto da organização coletiva das vontades individuais.

Em contrapartida, a auto-referência thelemita resvala no impasse da falta de critérios, arriscando uma inseqüente degradação de valores que leve ao domínio autoritário dos fortes ou a um conformismo em relação ao *status quo*, pois seus adeptos não se sentem obrigados a se engajar em nenhuma ação verdadeiramente eficaz ou a assumir qualquer responsabilidade social, ética ou política.

A postura que os thelemitas adotam tem algo de *solipsista*: o ego é a realidade verdadeira e nenhuma exigência deve transcender os limites desse Eu. A felicidade completa do indivíduo seria possível neste

mundo, com a condição de que ele se esforce para tomar posse de si mesmo a fim de matar o velho homem racional e revestir-se do Novo. Nesse sentido, o misticismo pode facilmente degenerar em idolatria dogmática, sectarismo e fuga da realidade, resultando em certo obscurantismo refratário aos ideais da racionalidade esclarecida.

Douglas Kellner esclarece que as pessoas se sentem atraídas pelo oculto quando percebem que, dominadas por forças sociais poderosas, já não exercem controle sobre suas próprias vidas. Diante da dificuldade de lidar com a realidade social, o oculto se torna uma fantasia escapista, recurso satisfatório para explicar as circunstâncias desagradáveis ou os acontecimentos incompreensíveis com a ajuda de mitologias religiosas, mágicas ou sobrenaturais (KELLNER, 2001).

O holismo massificou-se nas décadas de 1960 e 1970, período caracterizado pela curtição e pelo esoterismo, com destaque para a busca de uma utopia mística até no uso de drogas. No caso brasileiro, a importação da contracultura trouxe, juntamente com o *flower power*, a demanda por religiões, ideologias e terapias de países orientais. Essa importação manifestou-se na adesão descompromissada a religiões tradicionais, como o Budismo, ou a seitas mais novas, como a Seicho-no-iê, bem como na apropriação da ioga indiana, da alimentação macrobiótica japonesa, do Tai-chi-chuan e da acupuntura chineses e de outras formas da medicina oriental.

Nos anos 1960 e 1970, Aleister Crowley, por ser uma figura mítica e controversa, despertou muito interesse entre artistas, tornando-se guru da contracultura e do *rock*. Esse estilo musical, que desde suas origens foi associado, de uma forma ou

de outra, ao ocultismo, tem sido frequentemente acusado de incitar a rebeldia e despertar, nos jovens, sentimentos transgressores.

A obra do mago inglês, indo ao encontro da necessidade de contestação dos rebeldes, foi cultivada como o prenúncio da Nova Era, que os jovens tentavam materializar em comunidades alternativas e pela qual tanto ansiavam.

Desde aquela época, podemos observar o crescimento da consulta a horóscopos, mapas astrológicos e cartas do tarô, a crença em bruxas e nos poderes energéticos de cristais e de réplicas de pirâmides do Egito. Até o turismo se valeu disso, promovendo cidades no interior do Brasil que seriam pontos de pouso de discos-voadores ou que teriam passagens secretas para o interior do planeta, onde viveriam civilizações espiritualmente mais avançadas.

Por conseguinte desenvolveu-se um mercado segmentado, com lojas, cursos, feiras, congressos, livros e, claro, profissionais especialistas, como astrólogos, magos, videntes e cartomantes.

Atualmente, multiplicam-se, por toda parte, os gurus e “mestres”, propagando ou vendendo suas “luzes”, sua “paz”, sua “harmonia”, suas meditações e suas “receitas” para o bem-estar espiritual de uma clientela cada vez mais insegura, sem referenciais e sem “portos seguros” quanto ao futuro.

O holismo e o ocultismo foram apropriados pela lógica cultural do capitalismo tardio, convertendo-os em simulacro de metafísica – o espiritual a serviço do capital. A propósito, Hilton Japiassú questiona os resultados dos movimentos holistas:

São realmente eficazes para transformar suas vidas, provocar nelas a

“revolução interior”, capacitando-os para transformar este pobre e desgraçado mundo num “melhor dos mundos”, num mundo de paz, de harmonia, num mundo da “nova era”? Não sei. Talvez. Ou será que não lhes fornece apenas algumas “receitas” ou “macetes” meio científico, meio filosófico para que possam “viver” melhor, se “sentir” bem consigo mesmos, se suportarem um pouco melhor, chegarem ao tal de “autoconhecimento”, num mundo ou numa sociedade mais ou menos insuportáveis, mas nos quais se vêm obrigados ou condenados a se inserirem e a viverem? (JAPIASSÚ, 1996, p. 185).

Concluimos que as receitas mágicas de Aleister Crowley são reveladoras de um discurso insólito, em que loucura e drogas, urbanidade e ecologia, paranóia e violência, religião e ocultismo, amor e ódio, formam o pano de fundo de uma experiência múltipla e contraditória. Com seu discurso do corpo, da festa, da droga e da busca de novas formas de percepção, Crowley impulsionou trajetórias existenciais de grande força contestatória. A idéia do advento de uma nova era, com todo o misticismo que isso agrega, representou a possibilidade de escapar à racionalidade violenta e sufocante do mundo em que vivemos.

Bibliografia

ABRAHÃO, J. R. R. (2006). *Curso de magia*. [S.l.]: Editora Super-virtual. Disponível em: <http://>

portaldomíniopúblico.gov.br.
Acesso em: 7 set. 2008.

CARVALHO, Cesar Augusto (2008). *Via-
gem ao mundo alternativo: a contracul-
tura nos anos 80*. São Paulo: Editora
UNESP.

CROWLEY, Aleister (1999). *Liber AL
vel Legis*. Trad. Marisol A. Seabra.
[s.l.]: Ordo Templi Orientis. Disponível
em: www.dominiopublico.gov.br.
Acesso em: 6 Abr. 2007.

CROWLEY, Aleister (2009). *Liber Oz*.
[s.l.]: Ordo Templi Orientis Inter-
nacional. Disponível em: [www.
ordotempliorientisbrasil.org](http://www.ordotempliorientisbrasil.org).
Acesso em: 4 Jan. 2009.

DUQUETTE, L.M (2007). *A Magia de
Aleister Crowley: um manual dos ri-
tuais de thelema*. Trad. C. Raposo. São
Paulo: Madras.

JAPIASSÚ, Hilton (1996). *A crise da razão
e do saber objetivo: as ondas do irra-
cional*. São Paulo: Letras & Letras.

KELLNER, Douglas (2001). *A cultura
da mídia – estudos culturais: identi-
dade e política entre o moderno e o
pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho
Benedetti. Bauru, SP: EDUSC.

PAIVA, Jair Miranda (2000). *Os tem-
pos impossíveis: perigo e palavra no
sertão*. Dissertação (Mestrado em Es-
tudos Literários) – Programa de Pós-
Graduação em Letras, UFES, Vitória.

PEREIRA, Isidro (1998). *Dicionário
grego-português e português-grego*.
Braga: Apostolado da Imprensa.